

NICK CLARK WINDO

«Um livro tenso sobre um pesadelo distópico
assustadoramente plausível,
com uma reviravolta explosiva!»

C.J. Tudor

O mundo deles estava no Feed.
E agora desapareceu.

QUANDO A LUZ SE APAGA

TOP
SEL
LER

Para Eleanor

Os psicanalistas gostam de salientar que o passado permanece vivo no presente. Contudo, também o futuro se encontra já vivo no presente. O futuro não é um lugar para onde nos dirigimos, mas uma ideia na nossa mente, um agora. É algo que estamos a criar e que, por sua vez, nos cria. O futuro é uma fantasia que dá forma ao nosso presente.

Stephen Grosz, *The Examined Life* (2013)

Kate

O Que Sacrificarias?

É disto que te apercebes quando desligas o Feed? As outras pessoas que jantam no restaurante acotovela-se à minha volta e, contudo, estou absolutamente sozinha. Devia sentir-me confortável por estar instalada no meio da tagarelice estridente deste lugar apinhado mas, em vez disso, permaneço em absoluto silêncio, e é quando essa coisa estranha e vibrante invade os meus ouvidos que me apercebo: o Tom tem razão. Devia lembrar-me disto mais vezes. Apesar de esta quietude desconetada parecer profundamente sobrenatural, é bom ser-se vagaroso — se ao menos pudesse ignorar a comichão no meu cérebro.

Estive ininterruptamente ligada nos intervalos das aulas e ainda estou aturdida por causa disso, mesmo depois de ter dado um grande passeio com o *Rafa* no parque, a seguir à escola. Sentada ociosamente num banco, com o Feed desligado e o meu «não incomodar» ativado, atirei-lhe a bola e observei as crianças a brincarem. Apenas isso. Foi tudo o que fiz. Sem chats, sem *streams* de notícias. Tinha trabalhos de casa para avaliar (a turma 9K trinçando *A Tempestade* com pás de pedreiro num teste de

pensamento filtrado que eu lhes fizera) e devia ter mandado uma mensagem ao JasonStark27 para o libertar do castigo, mas não o fiz. Nem sequer verifiquei a minha sondagem. Fiquei simplesmente ali sentada, estremeando com a tortura repetitiva dos baloiços enferrujados e forçando os meus pensamentos a abrandarem. E, gradualmente, o zumbido desvaneceu-se. O meu coração acalmou e senti a bebé dentro de mim relaxar: os seus movimentos abrandavam ao mesmo tempo que os nós da minha cabeça se desfaziam. Ação: reação — de um modo simples e agradável. O Tom teria ficado orgulhoso; volto a ligar o Feed agora, aqui no restaurante, apenas o nosso PrivateStream, e mando-lhe um toque para lhe dizer que tem razão. A conexão acelera-me o ritmo cardíaco e, sem pensar, mergulho no barulho caótico do PublicStream do restaurante, mergulho com facilidade no...

— Não! — As sobrancelhas grossas do Tom erguem-se e os olhos arregalam-se, não sei se de surpresa ou de irritação. É difícil perceber, pois continua com o Feed desligado e os seus *emotis* são, por isso, desconhecidos para mim.

Volto a desligar o meu Feed, como um dos meus alunos problemáticos, e ficamos sentados em silêncio mais algum tempo. Ele sorri-me, mas não retribuo. Não posso, preciso de me concentrar por uns instantes. *Eu consigo fazer isto, consigo abrandar.* Porque é que o Tom tem de fazer com que pareça tão fácil? Os meus olhos vagueiam, famintos de informação. O raspar dos talheres dos outros 33 clientes, a ocasional e involuntária gargalhada sincera, ecoam desagradavelmente na sala. Alguém tosse. No entanto, não há palavras, nenhuma conversa real, e ouço um canto de pássaro por cima do rugido da autoestrada. Apercebo-me de que não ouvia um pássaro de modo consciente há tanto tempo, e é uma coisa maravilhosa. Mas o problema de estar desligada é que é – tão – lento!

— Quanto tempo vai demorar?

— Parece que uma eternidade — concorda o Tom, anuindo pacientemente com a testa larga antes de se virar para a cozinha.

— Há quanto tempo estamos à espera?

— Vou verificar.

— *Kate* — avisa o Tom com gentileza. — Esta noite estamos a ser *lentos*.

E lá está ele: o tom de psicoterapeuta. Sugere muito mais autoridade do que a experiência profissional efetiva do Tom; de facto, acho que notei isso assim que ele começou a exercer, no ano passado, mas para o confirmar nos meus *mundles* precisava de me ligar. E, se isto *me* irrita, como poderá não irritar os seus clientes? E irritar-me não seria bom; ele tem de fazer o seu trabalho. Demorou algum tempo a encontrar-se, e adora o que faz. É até muito bom a fazê-lo. É *dele*.

Desvio novamente o olhar e observo a realidade, as pessoas que jantam e depois o exterior do restaurante. Ainda não está escuro, apesar de a autoestrada conferir um lusco-fusco precoce a estas partes antigas da cidade. Mudámo-nos para o outro lado da esquina há dois anos, mesmo antes de nos casarmos. Uma linda casa antiga (às novas falta-lhes alma — gosto que uma casa tenha um passado) e muito mais cara do que podíamos sonhar pagar, mas os pais do Tom ajudaram-nos. Ainda tenho sentimentos ambíguos acerca disso. O Tom também. Mas aqui estamos, no topo da colina. Uma autoestrada passa em arco por cima de nós e a cidade, por baixo, alastrou para os subúrbios. Tantas pessoas ali, abaixo de mim, milhões de luzes a bruxulear, vibrantes como tantas outras vidas, e eu podia estar a falar com qualquer delas, os meus pensamentos a serem transmitidos da torre iluminada sobranceira ao rio, o Hub principal do Feed — a casa do pai do Tom — observando-nos a todos: o buraco de uma agulha através do qual toda a gente passa.

Só de vê-la, sinto-me tentada a mergulhar na minha *pool*; estou ansiosa por verificar a nova sondagem que lancei. Tenho agora 200 milhões de seguidores! (Se aceitasse patrocínios, e eu bem queria, poderia deixar de dar aulas — mas *não*.) Sinto-me tentada a fazer uma busca por GPS só para ver a proximidade a que me encontro dos meus seguidores, mas contenho-me e tento ignorar a comichão no meu cérebro. Vi numa *pool* qualquer no outro dia que não é realmente o implante que faz comichão. O Feed não cria qualquer sensação física. É só uma *urgência* que, para lhe darmos sentido, atribuímos a algo físico, e por isso o nosso cérebro diz-nos que dá comichão. Partilhei este facto. Um milhão e trinta e sete mil pessoas «gostaram», embora eu duvide de que gostassem mesmo.

Fecho os olhos e as memórias das imagens do Feed riscam a escuridão como néon e luz estelar, uma paisagem urbana interna em que todos vivem tão próximos. Tão bonito. Tão inevitável. Tão confortável.

Não posso acreditar que fiquei viciada.

O Tom também tem razão acerca disso, trata-se de algo que abomino embora o ame. Volto a abrir os olhos e, estando desligada, os cartazes do outro lado da rua mostram apenas gigantes-cos *quickcodes* quadrados sobre as suas superfícies imaculadas. O mundo está silencioso. O burburinho social do PublicStream do restaurante foi silenciado. Não faço ideia do que é a ementa e não conseguimos chamar a atenção do empregado. É como se não existíssemos. Estamos aqui, aninhados num silêncio em câmara lenta, enquanto toda a gente à nossa volta comunica, come e ri, e é como...

As botas do empregado ecoam no soalho de madeira quando ele sai da cozinha, os braços estrangulados por tatuagens. Coloca pratos diante de duas jovens cujos lábios tremem, incham em

semi-sorrisos, enquanto os seus olhos reviram e trepidam. Ele mói pimenta para o prato da rapariga loura mas não para o da amiga; a comunicação foi silenciosa e, no entanto, clara. Embora o empregado fite lá em cima um canto com teias de aranha, sei que não é isso que ele está a ver. *É um estranho descanso, dormir com os olhos bem abertos!* Como a turma 9K se identificaria facilmente com ele, acabada de sair do seu teste de pensamento filtrado (ou não). Pelo contrário, ele está a aceder a uma multidão infinita, a partilhar com os amigos, interiorizando uma banda sonora, mandando mensagens à namorada... ou talvez não, porque as bocas do trio se contorcem em sorrisos sincronizados, quase parece que ele está a namoriscá-las, e eu estou ainda mais ansiosa do que antes por me ligar, sinto uma urgência seca, o *interface* do Feed arrelhando-me o cérebro como um nó no fundo da minha garganta.

O Tom vai até lá rapidamente e agarra o empregado, que se sobressalta com o contacto e fica boquiaberto quando percebe que o meu marido está a falar com ele — a enunciar palavras reais. Afasta os olhos quando o Tom o obriga a *olhar* o mundo e a ver a realidade. O Tom arrasta-o então para a nossa mesa e o jovem empregado balança nervosamente. Tem um minúsculo *quickcode* tatuado por cima da sobrancelha, com a forma de uma águia, possível de scanear instantaneamente e animar o meu mundo, e questiono-me: que veria, se ligasse o meu Feed? Que tipo de pele definiu? Ele é pálido, por isso aquelas miúdas talvez o vejam bronzeado. Os seus dentes são tortos, mas quem sabe, para elas, ele tenha um sorriso perfeito. Ou talvez se tenha definido para ter o aspeto de alguém famoso. Desligar o Feed é como levantar um véu. Pode não ser tão bonito, mas é real, e o Tom tem razão, eu sei que tem, claro que sei: ele não o faz por odiar o pai, mas por ser uma coisa saudável.

— Não, não, *não*. — O Tom estala dos dedos e o sobressaltado empregado volta a olhar para ele. — Não estamos ligados — articula ele exageradamente, e imita uma boca com as mãos. — Só temos de *fá-lar*.

— Vocês estão... *desligados*? — pergunta o empregado, a voz rouca por falta de uso. Os seus olhos refulgem por um momento. A quem mandou uma mensagem? Ao gerente, para pedir ajuda? Às raparigas? Provavelmente, não; elas não se viram para olhar. Terá partilhado uma foto nossa? Improvável — as definições de segurança do Tom são tão avançadas que ele é praticamente impossível de fotografar; o seu pai encarregou-se disso.

— Têm – uma – ementa? — pergunta o Tom, olhando para mim. Está a divertir-se.

— Verdadeira, não. — O empregado aponta a tēmpora, como se fôssemos idiotas. — Só Feed.

O Tom sorri-lhe de uma maneira que eu sei que significa que vêm aí sarilhos, e foi um longo dia, por isso...

— *Pasta*? — interrompo, e o empregado assente com a cabeça. As palavras verdadeiras têm um sabor estranho na minha boca, mas eu falo rapidamente. — Bolonhesa para mim, então, e carbonara para ele. E uma salada à parte, por favor. Só com vegetais.

Depois de o empregado fugir, a expressão do Tom faz-me rir, apesar da minha indisposição. Isto fá-lo então sorrir, o que é bom, o seu sorriso suave, ainda jovem em torno das bochechas, sob o seu cabelo caído, que está um pouco mais comprido do que quando nos casámos. Recosto-me e entrelaço os dedos sobre a minha barriga a encher-se de bebé. A mamã e o papá estão outra vez felizes, pequenina, como costumavam ser. A desfrutarem de estar juntos. Ainda conseguimos fazer isto, sabes. Funcionamos bem juntos, são as outras coisas que se intrometem no nosso caminho. As distrações. Esta vida.

O Tom inclina-se para a frente e marca cada palavra batendo no tampo da mesa:

— Kate, isto é tão lixado!

Ele está a falar a sério, é genuíno, mas, como faz parte da nossa rotina ir a lugares públicos e lamentar o estado do mundo, a sua angústia é equilibrada e quente. Ainda assim, seguro-lhe o dedo antes que o parta.

— Pois é. Somos os únicos sãos.

— A sério, *olha* para estas pessoas. Já ninguém vive no mundo real!

Algo se torna feroz, embora ele fale num sussurro. E, claro, como estamos desligados, não faço ideia do que está a pensar quando o seu rosto se enruga numa expressão carrancuda e algo morre nos seus olhos. Remove a mão e lá vai ele, os seus pensamentos estão muito provavelmente descendo aquele caminho que leva ao seu pai, à sua família, ao Feed, mas não tenho forma de o confirmar. Ele isola os próprios pensamentos de uma maneira quase rude. Em que está a pensar? Talvez na sua vida alternativa, a que escolheu nunca viver, aquela em que teria ficado envolvido com o Feed, em vez de ter fugido. Discutimos muito isso enquanto ele estudava para ser psicoterapeuta. Perseguido *aquela* carreira — a cura pela fala — depois de o seu pai instalar o Feed. Bem, não é preciso ser Freud, pois não? Lembro-me da alegria do Tom antes de lhe dizer, e lembro-me da raiva silenciosa que ele me descreveu ter sido a reação do pai. Nós falamos, eu e o Tom. Falamos muito. É uma das nossas forças. Quando arranjamos tempo. Como esta noite, em que vamos lentamente. Mas eu gostava que o Tom se concedesse alguma paz. Ele morde o lábio inferior e olha pela janela, os seus olhos rápidos como setas, abarcando todo o mundo, como se estivesse ligado e a partilhar, mas verifico e não está; o seu Feed continua desligado.

Tal como o meu.

A loura e a morena comem silenciosamente, de modo mecânico, perdidas em conversas uma com a outra, ou com outros, ou com muitas pessoas ao mesmo tempo. De fora, quem sabe? Os seus olhos movem-se ainda mais rapidamente que os do Tom, mas o que elas estão a ver não são as mesas nem as velhas impressões nas paredes, mas as cores vibrantes e estroboscópicas dos seus Feeds. A comichão do meu cérebro, apercebo-me de repente, é agora intolerável. Faz-me fletir e cerrar os dedos. A minha boca está muito seca. Podia estar a verificar a minha sondagem. Poderia estar a ver as notícias para saber o que há de novo com a Energen. Toda a gente ficou surpreendida com o anúncio da empresa, mas ninguém parece perguntar *por que razão* mandaram parar os furos no Ártico, porque tomaram esta decisão *agora*, e Anthony Levin, o seu CEO, sorrindo sinceramente ao mundo. Não confio nele. Algo está a ser preparado. O mundo está perturbado e as pessoas fazem coisas estranhas: os negócios são imprevisíveis, os políticos, perversos.

É tudo muito estranho e o meu cérebro (o meu cérebro verdadeiro, agora a trabalhar com muito afinco, na ausência do Feed) começa a doer-me. Podia, se estivesse ligada, estar a relaxar, a pôr alguns *ents* em dia. A mãe e a Martha queriam conetar-se comigo esta noite porque a Martha tem *mundles* da sua nova casa para partilhar; podia deixar o meu próprio mundo e experienciar os seus feixes de memória de um lugar a tantos quilómetros de distância, num tempo que é já passado, como se estivesse realmente *lá*. Podia estar a verificar a minha sondagem, «O Que Sacrificarias?», que tem tido dezenas de milhões de respostas por dia. Toda a gente adora uma sondagem. Mas preciso de a manter atualizada. A atenção das pessoas precisa de um *feeding* constante e, se quero influenciá-los a *pensar* acerca do mundo, preciso de

ser inteligente. Preciso de me fazer ouvir acima do ruído. É isso que o Tom não percebe: estou a usar o Feed como uma ferramenta para o bem. *Não estou viciada!*

Uma das primeiras sondagens «O Que Sacrificarias?» foi «... pelo Ártico?». Muito apropriada, tendo em conta as notícias de hoje sobre a Energen, mas nessa altura quase ninguém participou e a lição que aprendi foi que não se tratava de estupidez nem de desinteresse, mas apenas de distração. É o ruído apelativo que nos rodeia. Então, agora, vou introduzindo as de cariz político entre coisas como, «... para ter bom aspeto?» e «... para conquistar o homem dos teus sonhos?». Recebi mais de sessenta milhões de respostas nessa sondagem em particular e depois atirei-lhes com: «... para ser mais generoso com o planeta?» Oitenta milhões de respostas. Foi esmagador. As *pools* de notícias citaram as minhas estatísticas. (Os políticos «ganharam», naturalmente — quem é que não os sacrificaria?) O que importa é levar as pessoas a concentrar-se por um momento no que estamos a fazer ao nosso mundo. Se conseguirmos um ponto de apoio, abrir-lhes o cérebro, nem que seja um bocadinho, podem seguir-se mudanças maiores. Ainda não sei qual vai ser a próxima sondagem, mas, na situação em que me encontro, estou a pensar em algo como, «O Que Sacrificarias... pelo bem do teu cérebro?», porque — e não há maneira de dizer isto ao Tom, embora gostasse de lho gritar na cara — não me parece que eu sacrificasse o Feed! Não creio que fosse capaz! Quero ligar-me, neste momento estou até a gritar por ele no meu íntimo! Mas... sussurro... *vá lá, Kate, vá lá...* sussurro e suavizo a voz, porque este devia ser um serão agradável e eu estou a deixar-me distrair. Como toda a gente. Preciso de me concentrar no aqui.

— Porque não fazemos uns anagramas, Tom? Para pôr os velhos cérebros a funcionar...

Ele faz uma careta e remexe-se na cadeira.

— Então que fizeste hoje, Kate?

E eis que — não consigo evitá-lo; estive a pensar nisto e a publicar acerca disto todo o dia, por isso os *links* estão ainda frescos na minha mente e eu tão desesperada por verificar a minha sondagem, é como um deslize de linguagem, um hábito com vida própria — me ligo e...

— onde raio tens estado? é a Martha & a mãe está mesmo atrás dela, os seus *emotis* deixando bem claro que vai des-carregar sobre mim mas bloqueio-a & interrompo. Estamos desligados esta noite, informo, o Tom acha que é bom para o cérebro abrandar, mantê-lo a trabalharcomodeveser. Não sejas ridícula, responde a mãe rispidamente, dá uma olhadela ao *mundle* da tuairmã, e antes de poder bloqueá-la outra vez ela manda-me um que rebenta como uma célula cerebral acabada de formar na minha mente, as sensações & *emotis* da memória da Martha ganhando existência como um pólipó no meu cérebro, e então sou ela e não eu por um momento.

— Estou no relvado a olhar para a casa nova, fachada branca (o novo [*nuvem de respiração*] tom de [*PerfectPaint*], recebo um link), janelasembico, céunublado por cima. Entro no carreiro (aquele relvado parece cheio de ervas daninhas, use o novo [*Weedaway*], recebo um link) & o ritmo do meu coração acelera quando chego à porta; o meu coração está a bater 42% mais depressa & recebo 2,3% de fluxo de endorfina. É tãoexcitante! A BioLock — *a minha* — reconhece-me porque é a *minhafechadura* na *minhacasa!* & a porta abre-se automaticamente & ouço os miúdos correndo no caminho 6,72m atrás de mim, mas agora

estou no corredor, as sombras frescas & o cheiro recente de verniz & é...

— Congelo o *mundle* & explico que a contacto mais tarde porque já estive ligada 4milisegundos & o Tom vai reparar se ficar mais tempo & ainda não naveguei pelas *pools* em busca de notícias da Energen nem vi a sondagem [*O Que Sacrificarias?*] & reparo que as minhas notificações piscam com 57 603 mensagens, por isso a sondagem deve estar a correrbem. Entra uma mensagem de alguém chamado ChloeKarlson437 enquanto vejo — *Continua com o bom trabalho, Kate!* — mas não tenho tempo para responder porque — Oh *vá lá*, Kate, é a Martha & eu mostro-lhe um pico de adrenalina & ao mesmo tempo procuro rapidamente por [*Energen*] & *streams* de notícias em todas as *pools*, mas não há nada de novo e então vou ao meu grupo de amigos para ver se eles sabem alguma coisa & mando uma desculparápida à Martha & uma caraenjoadá à mãe & digo-lhes que contacto depois & desligo-me, foram só 11milisegundos...

... mas o Tom apercebeu-se.

— Estás *viciada*, Kate — sussurra ele.

— *Vá lá* — desdenho, e aponto toda a gente à nossa volta, embora saiba que ele tem razão.

— És como eles!

— És tão *snob!* Não, já sei — digo, estalando os dedos e pensando o mais depressa que consigo sem o Feed. — Tens um complexo de Édipo transgénero e intrassexual, induzido por abandono. — Fazíamos este jogo antes de ele concluir a sua formação em psicoterapia: até que ponto podemos fazer com que síndromas psicológicos simples pareçam complicados? Este fá-lo mesmo rir. — É um complexo de papá — expliquei, satisfeita

comigo própria, orgulhosa do meu cérebro e aproveitando o seu bom humor. — Mas mais profundamente complexo.

No entanto, o seu riso morre. Olha para mim. Abana a cabeça. Não são necessários *emotis*.

— Usas demasiado o Feed, Kate. Vá lá. Tu estás... tu não fazias isto antes. Desculpa chatear-te, mas é porque me importo. Vais fazer o bebé passar-se...

Caímos num novo silêncio, mas este não é como antes. Agora há aqui mais alguma coisa. Ambos concordamos que o Feed está fora de controlo. Foi o que nos ligou quando nos conhecemos, no casamento do irmão dele. Estamos também ambos preocupados com o estado do mundo, mas o Tom acha que piorou muito nos cinco anos que entretanto passaram. Os meus pais não acreditam que o meu marido seja boa pessoa, por causa da sua família. Ele é um Hatfield — mas mesmo assim ele é boa pessoa. Sei que o é, com todo o meu coração. O Tom não é como o irmão dele ou mesmo o pai. Mas parece ter aquela costela intransigente, como se agora estivesse a obrigar-me a escolher. Entre ele e o Feed. Como se eu não pudesse ter ambos. Afasto os olhos dele e dou mais palmadinhas na barriga, acariciando assim uma das muitas crianças que digo regularmente aos meus 200 milhões de seguidores que estamos a condenar à morte devido à maneira como vivemos. Ela também é uma Hatfield.

— Queres ligar-te outra vez, Kate? Podemos abrandar amanhã à noite, em vez de hoje.

Mas, antes sequer de eu poder responder, algo acontece como uma onda. Tilintar de talheres e cadeiras caídas. Gritos e uma precipitação de palavras confusas vocalizadas na realidade, e novamente silêncio, como se toda a gente tivesse parado para respirar ao mesmo tempo, mas o que aconteceu foi que os olhos das pessoas começaram a piscar ainda mais depressa. Alguém

soluça; a rapariga loura tapa a boca com as duas mãos. O empregado corre para a porta.

— Tom?

— Liga-te outra vez — diz ele, e consegue ligar-se uma fração de segundo antes de mim e...

— Sou inundada pela minhairmã. A Martha está a gritarhistericamente por isso bloqueio-a & segrego testosterona para contrariar o picodeadrenalina que sinto, o pânico dela é contagioso & a mãe manda mensagensdesesperadamente. Onde estás, onde estás? Estou a tentar contactar-te há *segundos*, Kate, que se *passa* contigo? Bloqueio-a também & e reparo que as minhasnotificações têm milhares de mensagens novas & nunca senti nada assim: o Feed deforma-se com um peso-coalescente que quase me faz cair da cadeira na realidade. Tento abrandar o meusistemaendocrinológico porque a mãe está agora a guinchar-me que a Martha está a gritar-*lhe* & *porqueéqueebloqueieiaminhairmã*? Depois um silêncio cai sobre oFeed enquanto milhares de milhões de FeedID param, como uma onda a arrastar-se na praia, antes de as notícias de última hora jorrarem como um tsunami. *Memes* fluem & rumores ondulam como contágio. *Pools* de notícias ganham vida como uma onda de tempestade. Formam-se *clusters* em torno delas quando as pessoas se juntam para ver, & o pânico da mãe rebentasobremim, *Que está a acontecer?* A minha medula suprarrenal segrega epinefrina no meusistema quando me apresso a ver uma das *pools*, mas algo a deita abaixo. *No entanto nada está bloqueado*: oFeed é livre & as pessoas vão como um enxame para outras *pools*, que são por sua vez fechadas, bloqueadas pela... empresa? Pelo governo? Em 3nanosegundos 127 734 *pools* são criadas & encerradas & digo à mãe que não

sei o que está a acontecer & mando um toque de pânico ao Tom mas ele informa rapidamente que está a tentar contactar o seu irmão Ben & então algo é filtrado do fervilhante Feedchatter & há um *víd*, esse *víd* está a tornar-se viral, espalha-se mais depressa do que tudo antes & eles estão a tentar travá-lo & [dariancharles] a notícia é que o PresidenteTaylor1 foi morto. Tudo fica silencioso. Todos os FeedID estão silenciosos. *O presidenteTaylor1 foi morto*. A frase expande-se através doFeed, depois muda para dizer *assassinado*. Já há caos nos Estados Unidos, pânico por contágio, a economia está no nível mais baixo & armas foram mobilizadas para leste. Os meus níveis de cortisol aumentaram para 18,2%, o meu ritmo cardíaco é 2,93vezes mais rápido & há agora 100 000 deste *víd* e assim que 1 *pool* encerra, 2000 outras aparecem, & estou a pesquisar a diferença entre *homicídio* e *assassinato* & a mãe ainda está a gritar mas é abafada pelo rugido & é qualquer coisa relacionada com a palavra *hash* que é um termo arcaico para $C_{21}H_{30}O_2$ & acedo a uma das *pools* noticiosas & o que lá está, aquilo que toda a gente está a absorver, que está no centro de todas estas *pools* noticiosas que surgem repetida & imparavelmente é um *víd* tagado [RichardDrake62SeniorSecurityAnalystWH.USA. StaffFID#22886284912] & que é de há 7,23 segundos. Vou ao seu feixe de memória. Não faço ideia onde é esta sala porque o GPS está bloqueado, mas é parecida com todas as salas de operações especiais de qualquer *ent* que já consumi. Uma mesa lacada reflete néones frios. Écrãs finos & *decks* adornam as paredes à prova de som. Então, o PresidenteTaylor1 entra com uma camisola bege (a nova coleção da [Muitton], recebo um link) pendurada nos ombros, uma grande caneca de café negro & aromático (a mistura [arábica] da [Nesspro], recebo um link) numa mão, & isto é a CasaBrancaEUA, isto *era* a

CasaBrancaEUA há 7,34segundos & este *mundle* ser publicado é uma tremenda falha na segurança, não admira que as *pools* estejam a ser bloqueadas &...

— Bom dia a todos, diz o PresidenteTaylor1 na realidade com aquele tom rouco e caloroso & senta-se. Fiquei a saber, diz ele, dadas as surpreendentes notícias da Energen, que a corrida está agora aberta para o Ártico Sul. Não o deixaremos cair nas mãos erradas. Amigos, temos guerra num clima frio. Mas antes de o sorriso do presidente se formar completamente a perspectiva de RichardDrake62 é obscurecida por uma silhueta — PatrickVaughn59, está identificado — que se levanta & ergue uma arma. A cabeça do presidente transforma-se numa nuvem de vermelho. A sala vira-se de pernas para o ar quando RichardDrake62 se atira ao chão para se proteger & o *mundle* de RichardDrake62 fica todo negro & há sons de convulsão & alguém grita algo que soa como «DarlanCharles!» & logo em seguida [*dariancharles*] milhares de *pools* dizendo [*quemédariancharles?*] & depois o *víd* repete-se — repete-se, repete-se. Quem quer que o tenha espalhado faz sempre zoom na cara do presidente quando a sua cabeça rebenta & o *mundle* abranda para várias imagens em simultâneo — a cabeça do presidente abre-se em *slow-mo* & este *víd* está a correr para 47196255FeedID só a partir desta *pool* & numa cascata de daravoltaa o estômago todas as *pools* são subitamente encerradas. Tudo para...

É como saltar sobre a borda do mundo. Não há nada além da mesma mensagem que aparece para onde quer que eu olhe no Feed. É do governo, dizendo-me para *ir para casa calmamente*, para *ir para casa agora*. Todo o restante conteúdo é apagado, & na realidade, no restaurante, todos nos levantamos como um rebanho & nos dirigimos para a rua. Por todo

o lado as pessoas tropeçam, confusas no crepúsculo do cimo da colina pela ausência total de coisas noFeed. Todas as comunicações são censuradas. A torre, o Hub doFeed, ainda está iluminada à distância, mas agora não transmite nada além do governo. Como estou ligada, os *quickcodes* deixam agora os cartazes vivos com a mesma mensagem reproduzindo-se infinitamente em néonsbrilhantes, extravasando dos cartazes, abafando o céunoturno com cores vivas, dizendo-nos para irparacasa, há um recolher obrigatório, vãoparacasa, há recolher obrigatório, vãopara casa.

Seis Anos Depois

Tom

O Armazém da Memória

Ele sai pelas portas duplas de um dos lados do armazém e volta a colocar a corrente nos puxadores, como a encontrou. As correntes são agora boas armas. Pensa em levá-la consigo — não está muito enferrujada — mas não. É melhor manter o sítio seguro e proteger o que encontrou.

O pátio de entrada está vazio e as janelas nas paredes altas estão sujas de poeira sob a luz do princípio da manhã. Em alguns sítios, os canos racharam e o cimento rebentou, abrindo feridas pedregosas. Tom volta a dar pancadinhas nos depósitos de combustível, ressoantes e manchados de pó, e faz um aceno de satisfação. Agora tem a pele tisonada e cabelos despenteados pelo vento. O seu sorriso é uma fenda num rosto endurecido. Esta descoberta improvável pode salvar-lhes a vida.

Do outro lado do parque de estacionamento deserto, sobe uma valeta e caminha ao longo da cerca que limita o perímetro, ainda mantendo um olho sobre o armazém, para ver se está lá alguém. Encontra o sítio onde cortou o arame e curva-se para o atravessar. Uma estrada leva para norte. Há um carro e um reboque

mais à frente, capotados. O alcatrão está a desfazer-se, em alguns pontos está até esburacado, e à distância consegue ver a entrada principal do armazém: um portão compacto e sujo que, tal como a entrada para todas as casas do seu pai, costumava ser translúcido, fluído e limpo.

Atravessa a estrada para o outro lado e entra na floresta. No interior, uma fila de faias projeta silhuetas de encontro ao céu enublado. Escuridão e luz, é como caminhar sobre um anti-quado código de barras. Está fresco, tendo em conta que é verão, pois a Terra é inesperadamente atravessada por outra depressão fria, o tempo está de trovoada, ainda turbulento, vento soprando de leste. Será que alguma vez vai normalizar? Costumavam sentir o cheiro de coisas más trazido pelo vento, mas isso fora há muito tempo.

Enquanto as botas de Tom calcam as ervas altas, um piado fá-lo parar e duas pegas debandam para o bosque, volteando entre as árvores. «Tragam a alegria», diz ele, e inspeciona os arredores em busca de mais movimentos. Dá uma palmadinha nos volumes dentro dos bolsos, confirmando que os seus tesouros ainda ali estão, e abre os braços para o dossel de folhagem por cima dele. Do outro lado das árvores, atrás de si, permanece o vulto silencioso do armazém, descaindo levemente para as colinas, e é quando ele se apercebe de que se enganou no caminho e tem de voltar atrás para encontrar a clareira onde a brisa agita os ramos e as ervas compridas se retorcem.

— Guy? — chama num sussurro, e uma horda de esquilos tagarela entre as folhas conspiratórias.

Algo bate na terra junto dos seus pés. Outra coisa passa velozmente junto da sua cara e, em seguida, um objeto duro acerta-lhe no ombro. Outro bate-lhe de um lado da cabeça. Meio atordoado, vira-se e vê finalmente Guy, empoleirado num ramo,

fazendo malabarismos com castanhas-da-índia verdes, um sorriso de expectativa enchendo-lhe o rosto sob um frenético cabelo louro-cinza.

— Qual é a senha, então?

— Bom trabalho, apanhaste-me. — Tom coça a cabeça e levanta as mãos, rendendo-se.

— Incorreto.

Outra castanha passa-lhe junto da bochecha.

— Cuidado, Guy!

— Ainda não está certa.

Guy atira a última castanha ao ar, uma bolada alta, e pendura-se para saltar do ramo, com a camisola a subir-lhe em torno do estômago magro antes de chegar ao chão. Alisa o cabelo para trás, sorrindo com a boca, apesar de os olhos, como sempre, estarem preocupados.

— Então?

— Vazio. Aquele sítio está deserto.

— Já foi saqueado?

— Não. Há tanques de combustível. Os selos parecem intactos.

Guy esfrega as mãos de dedos finos e brancas como a cal, claramente à beira de sentir esperança.

— E há cabos?

Tom acena lentamente com a cabeça.

— E transístores?

Num lento movimento vitorioso, Tom tira de um bolso um pedaço de metal angular com muitos pernos e um cabo a arrastar-se como uma cauda. Guy rejubila. Chega mesmo a bater palmas.

— Isto vai mudar *tudo*, Tom. Com as turbinas a funcionar, podemos usar o combustível para o arado. Podemos cavar *fundo*, podemos plantar melhor as coisas. Podemos relaxar, Tom, podemos *relaxar*.

Deram palmadas nos ombros um do outro, partilhando o triunfo. Como a vida mudara! Abraçaram-se.

— Não estiveste a dormir? — pergunta Tom a Guy, rompendo finalmente o abraço.

— Não, Tom, não estive. E tu?

— Guy — diz ele em tom de crítica. — Que te *parece*?

Caminhando depressa e já a meio caminho de casa, acampam numa dobra suave da colina. Rochas penetram a terra por cima deles e longas folhas de erva compõem uma franja sobre o local. Os lados da cova foram escavados até a terra ficar macia.

— Os cães estiveram aqui — cogita Guy, espalhando a terra seca com um pé e espreitando o horizonte à sua volta.

— O que quer dizer que serve para nós.

Fazem uma fogueira, uma pequena. Há muito tempo que não veem ninguém, mas não vale a pena correr riscos: agora, quando as coisas correm mal, é de uma maneira mais absoluta do que antes. Assim, usam só cinco paus para aquecer as suas latas enquanto o Sol se põe e as nuvens se separam. As estrelas espalham-se pelo céu todo. A fogueira crepita e estala, o seu centro de um laranja bruxuleante, e Guy deita-se de costas, com os braços atrás da cabeça, o transístor sobressaindo na almofada que é a sua mochila. O silêncio do mundo.

— Quase perfeito, não é, Tom?

Tom acena com a cabeça, segurando os joelhos para se equilibrar enquanto olha para cima, rugas gravando-se-lhe em torno dos olhos ao semicerrá-los. O céu noturno. Tão claro! Tinha-se tornado a norma. Mal se conseguia lembrar do cinzento sujo e esbatido do passado, aquele céu noturno branqueado pelas luzes da cidade era agora um sonho pouco nítido.

Guy vigia Tom enquanto ele dorme, como tem de ser, depois trocam. Tom estende as pernas ao ar que arrefece, boceja e corre sem sair do lugar, para acordar, enquanto Guy se enfia debaixo das mantas. Observa o rosto do jovem a relaxar. Guy adormece rapidamente. Com a mente vazia, Tom fita de novo as estrelas, a Lua, cuja luz incide nas ervas por cima deles como enormes pestanas prateadas até que, mesmo antes do alvorecer, as cores do céu passam do preto ao azul e a algo próximo do verde, enquanto as estrelas se desvanecem lentamente. De repente, Guy sobressalta-se. Depois, ainda adormecido, parece parar de respirar. Cerra os punhos, contorce a cara e em seguida fecha firmemente os olhos.

— Guy? — murmura Tom, com o coração subitamente dolorido, os sentidos todos alerta. A manhã está neste momento mais brilhante do que ele percebera.

Guy continua a retorcer-se e a fazer caretas, mesmo quando Tom o ergue e o abana. Mas ele não acorda — é como se estivesse amarrado com demasiada força ao sono. As suas pálpebras agitam-se e a boca estende-se num esgar cada vez mais firme até que, de repente, os espasmos param. Depois a respiração escapa-se dos seus lábios, o rosto pacifica-se e ele volta a respirar normalmente.

Os olhos de Tom enchem-se de lágrimas. A sua própria respiração é agora entrecortada. O silêncio solitário deste sítio é tão denso. Ele quer fugir, mas, em vez disso, afaga a bochecha de Guy, toca-lhe no contorno da boca, onde a pele do jovem parece magoada, e percorre com os dedos a parte mole do seu pescoço. Depois enrola as mãos em torno da garganta de Guy e sufoca-o. Enterra os polegares entre os tendões e sente a cartilagem deformar-se. Guy abre repentinamente os olhos. A sua boca escancara-se, a língua cai para fora e as suas mãos sacodem-se no ar, impotentes.

Demora muito tempo. O som é animal, até que algo estala. Tom continua a apertar, continua a gritar, continua a espremer-lhe os ossos até que o corpo de Guy deixa, aos poucos, de estremecer.

Mantendo uma vigilância constante, o cérebro aturdido pela falta de sono, Tom apressa-se para casa ao longo do dia seguinte, dormitando brevemente, em intervalos, nunca deixando que o sono o domine completamente. Evita as estradas e as aldeias, preferindo abrir caminho através dos campos, que se fundiram praticamente num só. Confundido pela exaustão e pelo pânico, vê um tronco de árvore e acha que é uma pessoa, mas não, claro que não é. A sua mente está profundamente agitada. Ao longo do tempo, os seus pensamentos tinham, em geral, relaxado. Deixados em carne viva pelo pânico, como acontecera a toda a gente nos anos que se seguiram ao Colapso, tendiam agora para a paz. Todos tinham aprendido métodos para acalmar o medo desconetado, e o recrudescer da esperança pacificara, gradualmente, a mente de Tom; ele pode senti-la agora, suavizando o pânico enquanto se obriga a respirar. Senta-se na erva alta e *respira*. Explora a terra com as pontas dos dedos. Sente o cheiro da seiva das árvores próximas. O Sol atinge-lhe repentinamente a pele, ao romper uma nuvem. Concentra-se no ar na sua garganta.

Desde que matara o irmão que não tinha morto mais ninguém.

Surge de nenhures esta memória, esta revelação doentia, há muito enterrada. Como se os músculos das suas mãos se tivessem lembrado: a maciez da garganta de Guy a quebrar-se sob as palmas das suas mãos; mas, em vez do rosto de Guy, surge o de Ben, tão contorcido de surpresa no seu quarto quanto o de Guy, naquela colina. O rosto de Ben. Tom não o via há anos, mas ali estava ele. Retorcido. Como pudera esquecê-lo? Devia tê-lo assombrado todos os dias. Estilhaços de memórias fragmentadas

chegam-lhe em cascata e, entre eles, uma vozinha diz-lhe que se acalme. Sente vagamente lágrimas na cara, sente que o seu corpo se contorce na erva, mas está preso ali, num labirinto antigo, sufocado e rodeado por imagens antigas.

Tivera de o fazer. Não tinha escolha. A mãe deles. Quase sente memórias de excertos do seu Feed, a silhueta chamuscada que ela usava no chat — mas não, desapareceram. Outros farrapos de memória são desalojados pela força do batimento do seu coração: o céu cheio de fumo, pilhas irregulares de veículos esmagados em volta da torre, ele a olhá-los de cima, do apartamento. E depois um farrapo grande, separado, como um iceberg: num quarto escuro, escondendo-se do irmão quando eram pequenos. Tom irritara-o, ligando e desligando o seu Feed. Isso lançara Ben num frenesim. *Que es... fazer ...úpido!... Tom!... O pai vai... matar-te... para de li... om!...* Desligado e ligado desligado e ligado. E depois uma dor atordoante, ao levar uma palmada na cabeça. O pai estava por cima dele. Simplesmente, forçou o Feed de Tom a ligar-se. *Não tenho tempo para isto, Tom. Estou a trabalhar.* O rosto de Ben, o seu sorriso, enquanto levantava o braço para dar a mão ao pai. Tom vira-os sair da sala e agora obriga-se a levantar-se da erva, tremendo, arquejando, pestanejando, mal vendo o mundo à sua volta, recolhendo pedras e atirando-as às árvores para *se concentrar no agora*. Há memórias que é melhor ficarem perdidas.

Esfrega com os dedos os olhos tensos. Corre por algum tempo e, lentamente, as memórias desvanecem-se e, com isso, o seu corpo acalma. Caminha. Respira. O dia trouxe o calor e os animais emergem. Ao crepúsculo, assusta um grupo de coelhos. Uma matilha de cães abateu um cavalo e vai a meio de o comer. Um francelho segue-o por horas, cavalgando os ventos ascendentes, esculpindo o céu.

* * *

Caminha todo o segundo dia, novamente calmo. Depois, nessa noite, os cães caçam. Ouvindo a sua respiração, uma matilha gutural de farejos e rosidos, Tom encontra um recanto num carvalho para se esconder. Pensa, hesitantemente, na primeira vez que tentou recordar coisas após o Colapso, depois de terem perdido o Feed. A simples memória, áspera e disforme, dessa tentativa é doentia; ele tentara aceder a coisas que já não estavam lá e o seu corpo entrara em pânico. Era a dor atroz de um membro cortado. Exausto, consciente do tumulto dos seus pensamentos sob a superfície, os seus olhos descaem e ele belisca as faces para se manter acordado. Aves passam de um lado para o outro. Não pode dormir. As estrelas são ocultadas pelas sombras das folhas sussurrantes das árvores e, quando se desvanecem e o céu se torna opala, ele está finalmente a descer aos tropeções a colina que o leva a casa.

Com o manto de orvalho intacto e o Sol no topo da colina, o acampamento está pacífico, antes de os outros acordarem. Corredores de latadas ramificam-se da casa em direção à cabana do duche e às outras cabanas. A casa tem paredes remendadas e turbinas enferrujadas que o Guy prendera ao telhado. Como eletricitista, eles tinham-no persuadido a aproveitar esse conhecimento valioso e ele lembrara-se parcialmente do que devia fazer. As turbinas rodavam ruidosamente à brisa matinal, tão perto de lhes darem energia, tão perto de lhes salvarem a vida, mas, até agora, inúteis.

Tom sobe ao alpendre da cabana das crianças e olha pela janela, sem fôlego. Ali está ela: Bea, na cama, uma ruga de concentração enquanto sonha. Jack, demasiado grande para

o seu berço, está espremido até ao nada. Danny é o adulto que os vigia esta manhã. Uma fatia de luz do Sol incide no cabelo cor de ferrugem do jovem, que aponta um dedo sujo de terra à página gasta de um livro. Inconsciente de estar a ser observado, a sua boca enrola-se em torno da forma de cada palavra vagarosa.

Junto da porta da casa, descascada pelo sol, Tom passa em bicos de pés pelas caixas de monitores viradas, cheias de ervas, onde insetos zumbem. Apalpa o volume que resta no seu bolso para confirmar mais uma vez que ainda lá está, coloca um sorriso e abre a tranca, e ali está também ela. Kate, a esfolar algo que ele não consegue ver, vira-se na bancada da cozinha. A luz da janela forma-lhe um halo na cabeça, o seu cabelo louro brilhando enquanto as sombras lhe escondem o rosto.

— Bem, há muito combustível — começa ele, de forma positiva. — Vai permitir-nos aguentar o inverno. E há cabos para...

— Mas havia alguma comida? — Os punhos de Kate, manchados com o sangue do minúsculo animal que está a amanhar, estão já cerrados, ainda antes de ele acabar de respirar. — Temos de *sair* daqui, Tom. Não vamos sobreviver.

— Claro que vamos...

— Não, Tom. Não podemos *cultivar* nada. Abre os olhos!

— Kate — diz Tom, tentando que ela fale mais baixo. Sente novamente os pensamentos a perturbarem-lhe a mente, descontrolados à medida que a sua pulsação aumenta. A sua boca é obstinada e ele ouve-se a dizer: — Com o combustível podemos pôr o arado a funcionar. Com os cabos podemos...

— Não me interessa. Quero ir-me embora.

— Não podemos abandonar toda a gente.

— Podemos, sim.

— Kate...

— Temos de lutar pela nossa família, Tom. Combinámos isso! Tu, eu e a Bea *estamos* em primeiro lugar.

Kate para de falar e faz beicinho. Os seus dedos agitam-se de frustração enquanto, mais uma vez, Tom fica em silêncio, mas com a mente assoberbada. Há aqui demasiadas coisas para processar: o seu amor por Kate, o alívio por estar em casa, a sua cólera, o seu medo, o seu amor *massivo* por Bea, o instinto animal de a proteger, de as proteger, de cuidar de Guy e de Ben. Todas essas emoções não podem coexistir com a absoluta necessidade que o levara a fazer aquilo naquela colina, o medo paralisante novamente desencadeado pelo que-tivera-de-fazer-ao-Guy, e os seus pensamentos desmoronam sob o peso de tudo aquilo.

— Olha... — começa ele, aproximando-se dela. Respira fundo e tenta. Está feliz com a surpresa de a ter encontrado; fora assim que ele quisera começar. — Kate. Escuta. Por favor, acalma-te. Eu sei que não é muito, mas... — Tira a maçã do bolso. Sem o Feed, não sabe o que ela está a pensar, por mais que lhe escrutine o rosto. Será que ela se lembra? Claro que lembra, é uma das suas perguntas secretas. — Katherine Hatfield — murmura.

— Chiu — admite ela, e agarra a mão dele e a maçã que esta segura. — Alguém pode ouvir.

— Katherine *Brown*, então. — Beija-lhe o cimo da cabeça. O cheiro do cabelo dela é um conforto. — Não consigo encontrar diamantes para ti, mas ainda te trago maçãs. Não é?

Kate acaricia com o polegar o anel de noivado e esfrega a superfície da maçã, marca-a com a unha do polegar. Muitas coisas se movem nos seus olhos.

— Continuo a querer ir, Tom.

— Prometo-te que vou proteger-nos.

Ela abana a cabeça.

— Vamos morrer de fome. Desculpa.

— Mais seis meses à experiência. É tão perigoso mudar de sítio. — Ele fica com a boca seca. — Que aconteceria à Bea, se um de nós fosse apanhado?

Kate morde o lábio. Há fúria nos seus olhos.

— As coisas não estão bem só porque tu *achas* que estão, com essa esperança cega! — Recua, exasperada. — Onde está o Guy? Vocês os dois comeram?

A cara de Guy a sufocar pisca na mente de Tom. Agora está gravada ali, com a de Ben, ao que parece, indeléveis. Pestaneja para afastar ambas. Vê a sala escura, esta pequena cozinha, mas ainda consegue senti-los a apodrecerem dentro do seu cérebro.

— Ele foi apanhado, Kate. — Ele não queria tê-lo feito. Nem sequer queria dizê-lo. Não quer assustá-la. *Ele* não quer voltar a ser assustado. Encolhe os ombros lentamente e afasta o olhar. Não chorará. Enterra tudo dentro de si. — Não pude fazer nada.

Kate toma-lhe as mãos, com a voz tensa. Ele consegue ouvir ali o medo; não é estúpido. Ainda estão encurralados, como peixes num lago.

— Nós... precisamos de sair daqui, Tom.

— Mas isso não o impediu de ser apanhado. Isso não nos protegeria, pois não? Não há proteção! — A sua voz vacila. — Kate, a única coisa que ainda temos é a esperança de que não nos aconteça a nós.

Sozinho no silêncio empoeirado da cozinha, Tom atira o transístor para cima da mesa. Tomba numa cadeira. Fecha os olhos. Depois de alguns momentos de repouso, com a ajuda de uma escada instável, iça água da chuva dos tanques do outro lado do relvado e enche o chuveiro. Garrafas aninhadas nas curvas de chapas onduladas contêm água morna, que ele despeja também.

Lá de cima, olhando sobre a parede de contraplacado caruncho da cabana do duche, examina os seus pequenos talhões de legumes e o celeiro a desintegrar-se. Era tudo tão mais simples quando estava cheio de mantimentos. Mas, à parte a comida, eles tinham julgado estar em segurança.

Vê Graham curvar-se para sair de uma cabana, a que partilha com Jane. Usando as suas habituais calças largas e sandálias de solas a abanar, o velho instala-se na cadeira do seu alpendre, empurra o cabelo numa onda cinzenta e macia e, de caneta na mão, abre um livro de cantos revirados. Tom volta a descer para o cubículo antes de ser visto e despe-se. Terá de contar ao acampamento acerca de Guy. Estilhaçar a paz frágil. Chapinhando no chão lamacento, abre a cascata de água quase gelada. Esfrega-a nos olhos, esfrega o crânio através do cabelo áspero, a água ora lhe bloqueando ora lhe desbloqueando os ouvidos. Lava as mãos e os braços. Lava-os e volta a lavá-los, fletindo os dedos e chegando à carne entre o polegar e a palma da mão.

Quando está a vestir-se, já enxuto e quase pronto, ouve respirar — excertos de sons do outro lado da parede do chuveiro. Sussurros, raspando o ar ventoso. Abotoa as calças e segura lentamente a tranca. Quando abre a porta, as crianças imobilizam-se, salpicadas de sardas, com as suas roupas remendadas, olhos arregalados pela sua descoberta.

— Bea... que andas a tramar, Jack?

— Nada — responde o rapaz demasiado depressa, com um molho de cabos nas mãos, encostando-os à barriga para tentar escondê-los. Bea não diz nada, mas encolhe-se e não o olha.

— Vá *lá*, vocês os dois. A tecnologia antiga é perigosa. — Tom atira a toalha por cima do ombro e estende uma mão. — Dá cá isso, Jack. Onde está o teu pai?

A voz de Jack é como o trinado de um pássaro, apertando mais os cabos.

— Mas isto é para quê, Tom?

Tantas coisas desapareceram do mundo, pensa Tom, e contudo a teimosia das crianças permanece. Bea, ao lado do rapaz, espreita através do cabelo emaranhado com olhos inquisidores; outra característica instintiva, ao que parece, que de alguma forma sobreviveu ao Colapso.

— Pensei que sabias tudo, Tom — sussurra Jack. Aproxima-se mais para pegar na mão de Tom. — O pai diz que tu és capaz de ler as mentes das pessoas.

— Vai lá, põe-te a andar — diz Tom rispidamente, afugentando o rapaz. Olha-o com irritação enquanto ele corre para casa, e pega na mão de Bea. Quem é que diz coisas destas às crianças? Quem é que fala sequer de leitura de mentes? E onde é que o Jack arranjou as *palavras* para isto, e ainda mais o conceito?

— Onde estiveste, pai?

Tom ainda olha a forma de Jack distanciando-se, os seus pensamentos bloqueados, e murmura:

— Estive no trabalho. — As palavras soam estranhas ao sair-lhe da boca, uma velha frase ecoando do desconhecido, recolhida na maré de regresso das suas memórias de Ben.

Bea franze o nariz ao ouvir a palavra desconhecida.

— No ... *trabalho* — pronuncia, e agarra os braços dele de uma maneira que o faz levantá-la antes mesmo de pensar nisso.

— Da próxima vez levas-me, pai?

— Não, provavelmente não.

— Porquê? — Ela mexe-lhe no cabelo, tentando espreitar para dentro da sua orelha.

— O que é que achas? — pergunta ele, afastando-lhe os dedos e olhando novamente na direção da casa. Kate está à porta, de

braços cruzados, olhando-os do outro lado do relvado, com Jack a chorar atrás das suas pernas.

— Hum. Porque as fadas podem apanhar-me?

— Exatamente.

— Oh! Vamos plantar qualquer coisa, pai — grita Bea, e retorcese para se soltar dos seus braços.

Ele persegue-a através do relvado e usa a toalha para a apanhar, embrulhá-la e voltar a erguê-la, aprisionada, pontapeando o ar e guinchando.

— Mas para quê voltar, se o Guy já não está?

Estão apertados em volta da pesada mesa da cozinha, os pratos lambidos depois do pequeno-almoço. Não é a maior mesa, mas eles também já não são o grupo maior. O cheiro insípido de legumes a apodrecer permanece, além de outro: o odor ácido da discussão.

— Então? — resmungo Sean quando ninguém lhe responde. A sua pele está marcada e enrugada, as olheiras muito fundas. As mãos e os braços rendilhados por filas de cicatrizes, a sua história ainda em carne viva por trás dos seus olhos, mas aí aprisionada, nunca contada. Um polícia antes do Colapso, Sean trouxera com ele para o acampamento o filho, Jack, e pouco mais, além de um determinado instinto de proteção. Ao princípio, ser levado na esteira dos ferverosos planos de Sean para tornar o campo seguro acalmara Tom, mas ao longo do tempo tinham percebido a acutilante verdade: que a ameaça não vinha só do exterior; encontrava-se, latente, dentro de todos eles. E que podiam fazer para se defenderem *disso*?

— Sem o conhecimento do Guy — continua Sean —, não conseguimos ligar as turbinas, por isso, para que serve? Não nos podemos arriscar a ser encontrados. Seremos atacados!

— E, o que é ainda mais importante — declara Graham —, o Guy foi *apanhado*.

Toda a gente olha para o transístor, o inerte inseto elétrico agachado em cima da mesa. Kate levou as crianças à procura de comida, para os outros conversarem à vontade. O velho Graham e a sua mulher, Jane; Sean encurvado diante deles; Danny encostado ao lava-loiça, o seu rosto enrugado pelo esforço de refletir. Tom sabe que neste momento eles pensam na sua sobrevivência — mas estarão a contemplar a mecânica quotidiana desse desafio ou, a questão mais importante: o que aconteceu a Guy, e as implicações para eles próprios?

— O que se passa é que, Sean — diz Tom por fim, tentando soar paciente —, se não conseguirmos pôr as turbinas a funcionar, precisaremos mais do que nunca de combustível. Precisamos de energia para o arado, se quisermos plantar comida. Pouco importa que as pessoas nos encontrem depois de termos morrido de fome!

— Então, não te importas de conduzir mais gente para a morte — declara Sean.

Tom bate na mesa.

— O Guy foi...

— Tom, Sean, por favor! — A pele de Jane é enrugada como papel, e a voz amaciada pela idade. Baixa as mãos trémulas, como que para separar as águas desta discussão. — O Tom já nos disse tudo o que havia para dizer. O Guy foi apanhado. — Abana a cabeça. — Quem sabe o que isso significará para nós? Mas existe combustível, de que precisamos agora *desesperadamente*. Alguma comida? — Tom abana a cabeça. — Bem, parece uma oportunidade demasiado boa para a desperdiçarmos, e um milagre ter sido desperdiçada por outros. Se não tivermos combustível, morreremos. Precisamos de luz, precisamos de calor.

Precisamos de cozinhar. Por isso, voto sim. Voltar lá, vale a pena o risco.

Graham não precisa de dizer que apoia a opinião da mulher; acena com a testa fina na direção da mesa, a sua franja cinzenta caindo-lhe diante dos olhos. Empurra-a para trás e pega delicadamente na mão de Jane. Tom fita-os. O à-vontade da velhice. O silencioso entendimento um do outro. É lindo.

— Por outro lado, não podemos depender do combustível para sempre. — Danny afasta-se do lava-loiça, a sua expressão determinada, agora que decidiu o que pensa. A sua pele, que ruboresce à menor provocação, está manchada. Tem um *quickcode*, quase impercetível, tatuado na linha do cabelo, redondo como um símbolo celta, e as pontas desfiadas da sua camisola ondulam enquanto ele gesticula.

— Agora eu não consigo *mem* tudo...

— *Lembrar* — corrige Graham baixinho.

— Pois, não me consigo *lembrar* dos talentos do Guy em relação aos cabos, não sou eletricista, mas para que é que servem aqueles moinhos de vento no telhado se não tentarmos ligá-los? Poderiam salvar-nos. Precisamos de cabos para o transmutor funcionar...

— Transístor — emenda Jane.

— Ou isso. Vou fazer uma tentativa. Mas *precisamos* desses cabos do armazém. O Guy pôs as turbinas na *loc* certa, pelo menos.

— *Localização* — corrige Graham. — Ou *lugar*.

— Exatamente — assente Danny. — Voto sim.

— Talvez tenhas conduzido pessoas até aqui, Tom — diz Sean, os seus pensamentos claramente ainda presos noutra sítio. Os seus olhos injetados de sangue piscam e fixam-se. As mãos executam um batuque no tampo da mesa, os pés fazem o mesmo

no chão. A sua energia é de exaustão: uma crônica falta de sono.

— Se expuseste o acampamento, estamos *mortos*...

— Não há mesmo mais ninguém — replica logo Tom, rispidamente. — Danny, estás disposto a fazer a viagem?

— Podes crer!

— Ótimo. — Tom acena com a cabeça e bate na mesa. — Iremos depois de amanhã. Vamos buscar o combustível. E os cabos. E vamos pôr aquelas turbinas a funcionar. Estaremos seguros.

— Tom... — A voz lenta de Jane ergue-se no silêncio. Faz um sorriso enrugado para o transístor. — Devíamos falar acerca do Guy. Isto não acontecia há anos. Estamos todos em considerável perigo...

Tom respira fundo. Sean tamborila na mesa. Graham e Jane entrelaçam as mãos. Danny envolve o corpo com os braços e parece fisicamente doente de medo. Eles têm de conversar sobre o que ninguém quer admitir. Danny está a olhar para Tom, os seus enormes olhos verdes suplicando um pouco de conforto.

— Por isso diz-nos, Tom — pede Jane, agora com a voz mais dura —, como é que ele foi apanhado?

Tom flete os polegares. Entrelaça as mãos sobre o colo. Não os olha nos olhos. Há uma memória na sua cabeça debatendo-se para sair.

— Os sinais habituais. Vocês sabem. Fiz o que nos mandaram fazer.

Uma vez, ele dissera a Bea que as abóboras cham ao crescer, e que, se ela escutasse com atenção durante a noite, podia ouvi-las a resmungar no seu sono. Aquela informação fora reformulada na mente da criança e, antes de se fazer qualquer trabalho com os legumes, era preciso levar a cabo um procedimento sistemático.

— A Miriam também está bem — grita ela, ajoelhada junto da última abóbora do talhão, tão mirrada como as outras. — Está frio à noite e ela quase foi comida por um pássaro, mas gosta deste sítio e é amiga das cenouras.

Tom acena solenemente, protegendo os olhos do Sol.

— Obrigado, Bea, estás a fazer um excelente trabalho.

— Pai, a Miriam também quer saber, deixaste o Guy no *trabalho*?

Tom cerra os lábios. Uma brisa seca ergue as folhas amareladas do ruibarbo e sacode-as. Que boa memória tem esta miúda.

— Ele vem mais tarde? — insiste Bea. — Ele disse que me mostrava um peixe.

Quando Tom não responde, a confusão entristece-lhe o rosto. Ele percebe que tem de lhe dizer alguma coisa, mas a verdade? Nem pensar. Ainda não. Por favor.

— Bea, lembras-te daquelas fadas? — pergunta ele, e a menina acena rigidamente. Conhece-as bem. — Bem, elas levaram-no. Por isso... — Ele encolhe os ombros e recua por cima da terra ondulada. Não sabe que mais dizer, ou como pô-lo em palavras, mas sabe que ela não lhe pode ver a cara. Bea e Jack, nascidos após o Colapso, que nunca souberam do Feed, são os mais instintivos de todos eles a ler as pessoas. Bea não tem só boa memória; também sabe quando lhe estão a mentir.

— Olá!

Jane está a subir a colina com um cavalete numa mão e uma tela na outra, e Tom, grato, vira as costas à filha. Corre para ela, para pegar na tela.

— Outra pintura?

— Porque não? O problema é começarmos a ficar sem espaço. — Sem fôlego e encalorada, instala o cavalete e acena animadamente a Bea, que se vira de repente para as abóboras. — Mas

o Graham perdeu essa batalha há muito tempo. Ele sabe que isto me faz feliz.

— És boa nisso.

— Bem. — Os olhos de Jane brilhavam muitas vezes por causa de uma anedota que mais ninguém ouvira. — És muito simpático, Tom, mas os meus dias de pintar para os outros já acabaram. Uma coisa boa desta trapalhada suprema é que já ninguém tem tempo para críticas. — Limpa os pincéis com um trapo. — O que é uma sorte, porque tenho pouco vermelho-escuro, já esgotei o meu amarelo favorito e em breve estarei a pintar infindáveis estudos em castanho.

— Podemos arranjar-te mais algumas tintas?

— Não sei. Podem? Todas estas *coisas* que dávamos por garantidas... — Jane suspira e desvia o olhar. — Enfim, tive um sonho engraçado enquanto estavas fora — diz ela, sem emoção, após um momento.

— Um sonho de comédia?

— Oh, tu. — Ela dá-lhe uma cotovelada, fitando as colinas cozidas pelo sol com uma deliberação infalível. — Não, foi assustador... — conclui, abrindo um tubo de branco e virando-se para a pintura, com um sorriso superficial no rosto. — Já lá vai o tempo em que isto teria valido muito dinheiro. Mas divirto-me muito mais agora. — O seu sorriso suaviza.

— Fala-me do teu sonho.

Ela detém-se.

— Há algum conhecimento com que eu ou o Graham possamos ajudar-te, em relação ao armazém?

— Havia informações escritas nos depósitos de combustível. Pareciam complicadas. E se...

— Copiaste-as?

Tom abana a cabeça e franze a testa.

Bem-vindo ao incrível mundo do Feed!

Com apenas um pequeno chip, implantado no cérebro dos bebês ainda antes de nascerem, todos os problemas da sociedade podem ser resolvidos. Crimes violentos? Fraude? Impossível, tudo o que vemos é registado no Feed. Desaparecimentos? Faltas? Já não existem, o Feed põe-nos a todos em contacto. Esquecimentos? Distrações? Coisa do passado, o Feed não se esquece de nada.

Até ao dia em que o Feed é desligado.

Nesse dia, o Presidente dos Estados Unidos é assassinado, em direto, para todo o mundo. Pouco depois, o Feed cai. Já não há livros. Já ninguém tem computadores. Já ninguém se lembra, sequer, de como consertar as coisas mais simples. Toda a informação estava guardada no Feed. Sem ele, a civilização desaba.

E tu, quem serás sem o Feed?

Desesperados por reconstruírem alguma forma de subsistência, os grupos de sobreviventes espalham-se, desconfiados uns dos outros, paranoicos e sem rumo. Conseguirão reerguer a Humanidade?

Combinando a atmosfera distópica de *Walking Dead* com o potencial destrutivo da tecnologia de *Black Mirror*, Nick Clark Windo apresenta-nos todo um novo mundo.

Ao retirar tudo às suas personagens, tira completamente o fôlego ao leitor.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-98-2



9 789898 869982

Literatura Fantástica